CICERO DA SANTOS

TERRORISTA BANIDO DO PAÍS VOLTA E MORRE EM TIROTEIO

Carlos Eduardo Pires Fleury, terrorista da Aliança Libertadora Nacional, que havia sido banido para a Argélia, em troca da vida do embaixador da Alemanha Ocidental no Brasil, fato ocorrido a 15 de junho do ano passado, morreu na madrugada de ontem, depois de trocar tiros com agentes dos órgãos de segurança na Guanabara.

Por volta das 3h30, policiais aproximaram-se de um Dodge Dart, placa GB-4495, (depois constatou-se ser rou-

bado) estacionado em atitude suspeita na Praça Havaí, defronte ao Colégio Georges Bernanos, nas imediações do Meyer. Os ocupantes do veículo passaram a disparar suas armas mesmo antes de serem abordados, e, do entrevero, caiu mortalmente ferido o terrorista Carlos Eduardo Fleury que pretendia abandonar o carro. O restante do grupo conseguiu fugir. Os agentes de Segurança constatavam que o morto era ainda conhecido pelas alcunhas de "Humberto", "Teixeira" ou "Quilneas" e que havia retornado ao Brasil ilegalmente.

Carlos Eduardo Pires Fleury era filho de Hermanno e Maria Helena Dias Fleury, tendo nascido em São Paulo a 5 de janeiro de 1945. cursou a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo até 1968, quando intensificou suas atividades clandestinas em movimentos estudantis, em particular nas agitações de rua, tendo ingressado na Aliança Libertadora Nacional em fevereiro de 1969.

Nessa organização foi assistido, inicialmente, pelos terroristas Joaquim Camara

Ferreira e Carlos Marighela, passando depois a militar no GTA — Grupo Tático Armado, na Capital. Em pouco tempo assumiu a chefia desse grupo iniciando uma carreira de crimes até sua prisão no bairro de Sto. Amaro, São Paulo, no dia 30 de setembro de 1969. Banido, saiu da Argélia para Cuba, onde frequentou cursos de guerrilha rural e urbana, de armamento, explosivos e de sabotagem. O fanatismo, frieza e total desprezo pela vida humana demonstrados no decorrer dos cursos, impressionaram os cubanos que passaram a considerá-lo como o futuro sucessor de Marighela, de acordo com documentação apreendida em diversos aparelhos pelos órgãos de segurança.

Durante sua militância na chefia do GTA, Fleury liderou em São Paulo, a execução de cerca de 80 atos terroristas, deixando na orfanidade três famílias, além de vários policiais e populares feridos, alguns inutilizados.

Realizou, aproximadamente, 37 roubos de automóveis e participou de mais de 42 ações armadas.